

APRESENTAÇÃO

Um sinal de angústia corporal faz chegar a hora da largada! Frio na barriga, tonteira, boca seca... a manifestação somática, seja ela qual for, assinala que algo ocorre. Mas de quem é o sinal, do *corpo* ou do *eu*? Em 1926, em “Inibição, sintoma e angústia”, Freud decide: do eu! E, no entanto, sentimos no corpo! Se o eu é a instância psíquica que dá o alarme – perigo à vista! –, uma pergunta se impõe: que perigo? A angústia, mostra Lacan em “O seminário, livro 22: R.S.I” (Lacan 1974-5), definindo-a como a invasão do real no imaginário.

O corpo é o imaginário, minha *Gestalt*, como é imaginário o mundo, a *Gestalt* do não eu que, apesar disso, identifico, valendo-me do eu. É o eu que fornece minha consistência como “eu linha”, conforme o esquema L, no qual a relação *a-a'* figura como pura projeção (Lacan 1954-5: 284). Tal qual ensinava a Fenomenologia do século XIX, vejo o mundo sempre com meus olhos. O real que invade o imaginário fura a *Gestalt* e, por isso, provoca angústia, velada pelo sujeito em suas fantasias a respeito do que pode acontecer na relação com o Outro. Sempre há um Outro, o Outro do inconsciente, que, traumatizado por definição, vaticina: o que o Outro quer mesmo é a minha perda...

Assim, se me inibo, é porque o eu antecipa o perigo, nem me deixa falar. Estou inteiro na cena, calado. Meu eu toma a dianteira de tal forma, que invade minha determinação subjetiva: sou inteiro corpo na cena, e só penso em um jeito de escapar. A inibição é efeito da invasão do imaginário no simbólico, levando o sujeito a se acovardar em face do desejo.

Mas se o desejo permanece com sua intensidade, e me leva a pigarrear, é mais uma vez o corpo que se manifesta, dessa vez como palco em que se inscreve a Outra Cena. Faço um sintoma histerico e o corpo já não é imaginário. Torna-se o real em que se inscreve o discurso de meu inconsciente, sendo o sintoma a tentativa que arrumo para dar uma direção a esse real.

Descartes e a psicanálise

Ao fundar a ciência moderna no século XVII com o *Cogito ergo sum*, o filósofo René Descartes promoveu a separação entre pensamento (*res cogitans*) e corpo (*res extensa*). Três séculos depois, o mundo foi palco de duas subversões: com o avanço da biologia, notadamente a partir dos anos 1950, identificou-se o pensamento com a *res extensa* – busca-se cada vez mais sua determinação biológica – e, com Freud, o corpo foi retomado como algo intrínseco ao pensamento, de maneira que mesmo um sintoma no corpo tem uma causalidade psíquica. Nesse sentido, a psicanálise promove o retorno do exílio do corpo em relação ao pensamento, e vice-versa (Lacan 1966a). Em outras palavras, ao indicar a dimensão do desejo inconsciente que anima e une pensamento e corpo, a descoberta do inconsciente complementa o cogito cartesiano (Soler 1996: 73).

Foi na condição de sujeito que Descartes, instigado pelo desejo de separar o verdadeiro do falso, realizou o corte entre ciência e religião, e é nessa trilha que a psicanálise de Freud com Lacan estuda a relação entre ciência e verdade. De fato, o sujeito da psicanálise é o mesmo que o da ciência, embora esta não o leve em consideração para articular o saber decorrente de sua prática. O discurso do psicanalista, ao situar o saber no lugar da verdade, subverte, em um giro discursivo, a posição do sujeito, independentemente de suas crenças.

O discurso da ciência, por sua vez, submetido aos imperativos do discurso capitalista, nega a existência do sujeito do inconsciente e, portanto, da castração que o constitui. Ora, é justamente esse discurso que, ao eliminar o laço social, faz o corpo padecer cada vez mais de males diversos e inespecíficos, na mesma medida em que os conhecimentos dele provenientes avançam sobre o corpo, de modo até então impensável. Aprisionado, o corpo faz sintoma, produz fenômenos, adoece, é assaltado pela angústia.

O cogito freudiano – “penso onde não sou, sou onde não penso” – desvela que, para além da ciência moderna, existe o efeito sujeito, em constante retorno para denunciar que não é possível saber tudo. Aos analistas do século XXI, portanto, cabe responder à convocação de Jacques Lacan para sustentar esse efeito, em interlocução com os demais campos de saber. Os analistas, aliás, devem aprender a verificar esse efeito a cada nova experiência clínica, tal como o neurologista Sigmund Freud com ele se confrontou, ao se deixar surpreender pelo discurso da histérica.

O corpo na cultura

Os impasses da ciência contemporânea correspondem à inibição, na leitura levó-gira da amarração dos três registros, real, simbólico e imaginário. Por não levar em conta o sujeito do desejo e operar com a verdade restrita a uma categoria da lógica consciente, a ciência, em seus avanços, cede cada vez mais espaço para a magia e a religião. Podemos constatá-lo neste novo século com a proliferação de seitas sem lastros simbólicos estáveis, apelo aos anjos, cristais, runas e *tutti quanti*, todas tentativas incapazes de calar o corpo.

Ao longo da história da civilização, e hoje não menos, o homem, o fala-ser, o ser de linguagem, estranha, se incomoda, e tenta domar o corpo que ele diz que tem, mas que o ameaça, e cuja finitude o há de matar. Sabemos que o homem sempre tentou modificar o corpo, este “inimigo íntimo”, este “estranho” próximo. Os egípcios usavam pinturas, os chineses valorizavam os pés quebrados e constrictos das mulheres, na África usam-se colares para alongar pescoços, sempre em nome da beleza do ideal feminino, da Mulher que não existe. Culturas pré-colombianas incluíam o *piercing* como forma de marcar momentos simbólicos relevantes, como a assunção de um novo rei e a apresentação de uma rainha favorita. Mesmo na Inglaterra vitoriana, no ápice da repressão sexual e do ideal do familialismo, o *piercing* na cabeça do pênis era usado pelos homens como recurso para manter o volume fálico fora da observação e da delicadeza das damas. Tal *piercing* clássico, intitulado “Prince Albert”, e usado pelo consorte da rainha Vitória, apresentava a vantagem extra de afastar o prepúcio e mantê-lo limpo, evitando os odores que poderiam ferir a narina real.

As práticas de modificação corporal como forma de domar o mundo sempre estiveram presentes nas mais antigas civilizações e, desse modo, o atual *boom* da *body modification* só confirma a presença milenar de práticas de *piercing*, tatuagens e escarificações, frequentemente ritualizadas pela cultura através dos séculos.

O gozo

O gozo do corpo é ritualizado pela cultura na tentativa de fazer sintoma cultural com práticas que incluem contorção, constrição, fogo, penetração e suspensão dos corpos. Como a psicanálise já o indicou, o limite entre o sagrado e o profano, entre a sublimação e a perversão, frequentemente está barrado, porém, para além das

práticas culturais admitidas, a alteração do corpo serve aos sujeitos como prática privada para conseguir barrar um gozo intolerável que os invade.

Um dos maiores tatuadores do mundo se intitula *Manwoman*, e declara que, por meio de um sonho premonitório, descobriu que é, a um só tempo, Homem e Mulher, embora seja heterossexual. Sua *missão* consiste em resgatar a suástica, símbolo universal da união com o divino degradado pelo nazismo. Com várias versões de suásticas tatuadas em todo seu corpo, é a mensagem viva de uma obrigação: seu corpo encarna sua missão.

O faquir Musafar possui desde criança poderes estranhos, como o de deslocar objetos. Sempre se sentiu um estranho, um *alien* no meio em que vivia. Na adolescência, descobre que precisa sentir “sensações fortes no corpo”. Começa a se perfurar, a constringir a cintura, como as damas do século XIX. Só se sente bem quando perfurado, penetrado. Só ama seu corpo modificado, com a cintura fina como a dos nativos da Nova Guiné, que, ao chegar à puberdade, são levados pelo pai ao tio materno, para que este os transforme em homens usando um cinturão que mantém suas cinturas como a das crianças, máximo atrativo sexual para as mulheres.

Carl Carroll decidiu modificar cirurgicamente seu pênis, seguindo, de acordo com seu relato, uma modificação do corpo perpetrada por aborígenes australianos. Seu pênis é duplo, com a forma de uma tesoura aberta. Declara que o prazer sexual não diminuiu e que sua única dificuldade é juntar, na penetração, as duas partes de seu pênis.

A sexualidade humana é fálica e o falo é exterior ao corpo. Enquanto o falo está no simbólico, o corpo está no imaginário. O que fazemos com esse corpo que só em parte nos pertence é a questão em torno da qual os trabalhos aqui reunidos se debruçam.

Corpo técnica e o cadáver

Se no século XVII a escarificação só é possível em Paris, nas alcovas, com a internet, tudo é diferente! São tantos *sites*... Recupera-se hoje o que era contrabandeado no século XVII. Alguns, como o site do Australia Museum, relembram a história: “Escarificações estavam presentes em toda Austrália, hoje se restringem a Arnhem Land. É como uma linguagem inscrita no corpo, em que cada escara conta uma história de dor, sofrimento, identidade, status, beleza, coragem, pena e remorso”. Em outros, pode-se retornar à comunidade dos canibais, como

noticiava *O Globo* de 4 de dezembro de 2003, a respeito de um julgamento “que choca alemães”. O canibal de Rotemburg denuncia inúmeros *sites* para os que querem comer e os que querem ser comidos – aqui, não se enganem, estamos longe da referência fálica...

A cultura da ciência leva ao gozo, o grave é não poder verificá-lo, em função da reiterada tentativa de nela foracluir o que especifica o homem. O corpo na ciência não vem de hoje, a *A lição de anatomia do dr. Tulp* (1632), de Rembrandt, que o diga! No início da história da anatomia, ou seja, quando o simbólico invadiu o imaginário, a profanação de cadáveres pelos médicos para as aulas de anatomia era proibida. Atualmente, contudo, começamos a colher seus frutos: de um lado, glorifica-se um corpo absolutamente idealizado e, vocês verão, as coisas chegam à lipoaspiração da “perereca”, como mostra um dos trabalhos desta coletânea; de outro, estamos sem recursos para abordar o real, pois, em um mundo que segrega qualquer coisa que não seja imaginável, ignoram-se a castração e a angústia. E então, quando o real insiste, o psicótico, que mais uma vez é o louco a denunciá-lo, tenta construir uma outra *Gestalt* para barrá-lo, fazendo uso do imaginário para limitar o real em seu delírio, sua tentativa de cura, como o chamava Freud.

O experiência do corpo despedaçado vivida pelo sujeito psicótico pode muito bem ser útil ao discurso do capitalismo que põe a ciência a seu serviço. Sem dúvida, quem melhor o metaforiza hoje é Gunther Hagens, fundador do Instituto para Plastinação de Heidelberg. Diretor da Escola Federal de Medicina no Kirguistão, médico e anatomista, Hagens divulga suas obras de arte com cadáveres secados, fatiados e remontados, tanto de animais quanto de pessoas. Quem for a uma de suas exposições pode ceder seu corpo ao Instituto... Substituindo líquidos e gorduras por silicone ou poliéster, Hagens monta imagens impressionantes como *Nadadora*, *Cavalo*, *Pele* e *Mulher grávida*, identificando-as como ciência e não como arte – o que lhe interessa exibir é o corpo máquina, desumanizado.

O que pode a psicanálise nesse contexto? Ao lado da histeria, a poesia, a literatura, o teatro e o cinema, as artes, enfim, evidenciam a falha no saber sobre a qual o sujeito se constitui. Essa falha, diria Lacan, é da ordem do real. Mesmo as matemáticas, aparentemente tão próximas do discurso da ciência e tão utilizadas por ele, operam sobre o real, sobre o impossível a saber, vindo cada vez mais em socorro da formalização que Lacan quis alcançar com seus matemas.

Esta coletânea, produzida em contiguidade com os debates realizados para as V Jornadas de Formações Clínicas do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro, retoma teoricamente as questões sobre o corpo em Freud e Lacan. Está dividida em quatro partes – *Res cogitans* e *res extensa*; Corpo e inconsciente; Angústia e

recalque; e Manifestações do corpo na clínica – e seus quinze trabalhos tentam, em conjunto, refletir sobre os testemunhos de sujeitos que habitam corpos cada vez mais manipulados pela ciência e que, não obstante, consentem em falar a respeito de suas relações consigo próprios, com os outros e com o mundo.

Sonia Alberti
Maria Anita Carneiro Ribeiro